

III

NO MUNDO TEREIS AFLIÇÕES

(Jo 16.33)

As duras provações que quase sempre acompanham bem de perto o crente em Jesus Cristo, especialmente logo após a sua decisão em viver ao lado do Salvador, no caso de meu tio não se fizeram esperar.

Não tardou que as perseguições viessem atribular, porém fortalecer o coração dos novos convertidos. O primeiro a levantar a mão foi meu avô. Católico pertinaz e teimoso, quando formava uma opinião, certa ou errada, não a modificava. A opinião que formou sobre o Protestantismo foi a de que era uma doutrina do Diabo e estava tudo decidido. Não havia argumentos que o fizessem voltar atrás ou que o induzissem pelo menos a reexaminar a questão. Nada se poderia fazer para provar o contrário.

No princípio, ele ficou furioso, mas resolveu usar meios de persuasão para desviar o filho daquela crença perigosa, obra do Diabo, pregada manhosamente com capa de religião, pelos seus agentes e ministros. Depois, vendo que nada conseguia, passou a usar de processos violentos. A primeira medida foi proibir terminantemente que os outros irmãos e demais pessoas da família pusessem os pés em casa de meu tio, porque, concluía ele, o David estava com espírito mau.



Por esse tempo, florescia em Araguari uma congregação de crentes, filiada à igreja presbiteriana, que estava fadada a ser, no futuro, um dos muitos abençoados faróis de irradiação do ev

.oangelho nos sertões de Minas.

MANUEL DE MELO

Tertuliano Goulart, o Tula, como era chamado na intimidade, foi um dos valentes pioneiros desse punhado de bravos que, afrontando um ambiente hostil, cheio de preconceitos sociais, religiosos e políticos, plantaram na fronteira de Minas com Goiás uma das mais ricas sementeiras da Palavra de Deus.

A igreja evangélica tem uma dívida de gratidão para com a memória do velho Tula. Isto porque sua atuação dentro dos arraiais evangélicos foi uma verdadeira jornada de heroísmo e de consagração.

Homem culto, jornalista e cidadão íntegro, honrado chefe de família, sua vida foi para a nascente igreja protestante uma poderosa força de estímulo. Tertuliano Goulart, pai do rev. Jorge Goulart, ministro da igreja presbiteriana e professor da Faculdade de Teologia de Campinas, um dos belos ornamentos do nosso ministério e sogro do rev. Galdino Moreira, uma das mais pujantes inteligências que militam no setor evangélico brasileiro, sim, por muitos motivos, Tertuliano Goulart merece um lugar de destaque e mesmo de honra na história do evangelismo brasileiro quando este for escrito. Merece ainda mais o respeito à sua memória por parte de todas as igrejas do Triângulo Mineiro, onde sua vida foi um modelo de consagração, de desprendimento, de trabalho, de verdadeiro amor à Causa do Mestre.

Muitas vezes, deixando de lado as preocupações de sua árdua profissão, como diretor do Araguari, o mais antigo jornal do Triângulo, Tula montava a cavalo, ao lado dos pregadores do evangelho e saía pelas zonas rurais, auxiliando os ministros em suas pregações ainda meio confusas pela falta do conhecimento da língua, mas profundas em sua espiritualidade.

Outras vezes, sozinho, Tertuliano Goulart saía da cidade de Araguari e espontaneamente se dirigia às congregações e núcleos de crentes das redondezas, levando-lhes o conforto da palavra divina pelo instrumento de sua palavra culta e inteligente.

Tula soube, em Araguari, que meu tio David de Melo havia se convertido ao evangelho. Não trepidou. Montou a cavalo e desceu as matas de Estrela do Sul para visitar o novo convertido.

Quando meu avô soube que Tula tinha vindo de Araguari especialmente para visitar David, na sinceridade de sua ignorância, o velho teve um verdadeiro acesso de furor. Penetrou em casa como um furacão, dependurou duas armas à cintura e, dizendo impropérios, abalou para a casa do filho, falando a todos que encontrava pelo caminho que ia expulsar de uma vez o demônio daquelas bandas.

Esta narrativa não encerra nenhum vislumbre de desrespeito à memória de meu avô paterno, cuja retidão de caráter todos reconheciam, e nem apresenta contradição alguma com as qualidades morais descritas em páginas anteriores. Pelo contrário, não procurando esconder ou disfarçar qualquer detalhe no desenrolar dos fatos, que deve primar pelo espírito de verdade e de sinceridade, não procuraremos nem acusar nem defender o velho José Joaquim de Melo. Teremos, entretanto, de reconhecer que ele não foi mais culpado do que Paulo, antes da estrada de Damasco. Era sincero consigo mesmo. Estava convencido de que o filho trilhava o mau caminho e, cansado de admoestá-lo, de aconselhá-lo por boas maneiras às vezes, com ameaças outras, como era de temperamento violento, um dia não suportou mais. Para ele, a visita de Tertuliano Goulart, que devia ser olhada como uma honra recebida por tio David, fora uma afronta.

Pobre homem! Vítima do meio em que viveu, vítima da ignorância do ambiente em que foi criado, vítima de uma entidade religiosa indiferente para com a sorte de seus adeptos, outro poderia ter sido o exemplo legado à família, portador como era de tão sólidos princípios de moral e de dignidade.

Felizmente, ao chegar à casa do tio David, lá não encontrou senão a nora e as netas. David e Tula tinham saído para os lados do Córrego da Onça onde iam visitar os crentes daquela congregação.

Meu avô, vítima também do fanatismo religioso, que pode transformar um homem bom numa verdadeira fera, não hesitava naquela hora em sacrificar o próprio filho, certo como estava de que, matando um protestante, estaria prestando um grande serviço a Deus. E seria uma tragédia se encontrasse David e Tula, porque não falava em vão, falava para cumprir. Mas Deus estava por cima.

Não encontrando quem procurava, o emburrado velho fincou o pé na porta de entrada da casa e desandou num tremendo xingatório frente à tia Maria e às meninas, que o escutavam apavoradas. Falou, sem nenhum exagero, desde a manhã até a tarde, sem consentir que a nora e as netas se retirassem. Foram tão terríveis, tão tremendas as ameaças que fez, as pragas que rogou ao filho e toda a sua descendência, que minha tia, que se achava um tanto enfraquecida, com aquela submissão de espírito natural das famílias do sertão para com o pai de seu marido, sem proferir uma palavra ou réplica, não suportando mais, caiu no chão, desmaiada.

Meu avô caiu em si, ao ver a desgraçada rolar na soleira da porta, lembrando-se então de que o seu último neto, nascido naquela mesma casa, tinha apenas quinze dias.

Tomado de aflição, socorreu como pôde a nora e, deixando-a aos cuidados das filhas mocinhas, correu de volta para casa, mandando minha avó com urgência para a casa de meu tio, cuidar da enferma.

Meu avô teve de pagar bem caro pela leviandade. Sofreu um remorso terrível durante o resto de sua vida, pois tia Maria Isabel jamais recuperou a saúde e ficou sofrendo das faculdades mentais. Tão perturbada ficou, que rejeitou o filho nascido havia poucos dias. Daí por diante a vida de meu tio David se transformou num suplício indescritível.

As filhas maiores estavam ainda pequenas e nada podiam fazer pela mãe e pelos irmãozinhos. Empregadas ele não conseguia, porque ninguém queria trabalhar para os protestantes.

E a vida de David de Melo, que poderia ter sido, com a sua conversão e da mulher ao evangelho, uma apoteose de alegria e um hino constante de louvor, foi, ao contrário, uma verdadeira peregrinação pelo Vale da Sombra da Morte.

Mas no sofrimento ele ainda encontrava motivos para agradecer a Deus. Certo de que “todas as coisas correm para o bem da alma daqueles que amam a Deus”, conforme o sublime ensinamento do apóstolo, jamais deixou que o desespero se apossasse de seu coração. Sofreu resignadamente, sem queixas, sem amarguras, firme no caminho da “soberana vocação para o qual tinha sido chamado”.

Maria Isabel passava às vezes um longo período de tempo sem qualquer perturbação, parecendo curada definitivamente. Mas, um dia, repentinamente, lá vinha a loucura e as sombras da tristeza invadiam novamente aquele lar dantes tão feliz. Nos momentos de lucidez era uma crente fervorosa e dedicada, cumpridora dos deveres. Mesmo nas horas de depressão e de crise, quando se entregava ao choro e à melancolia, se chegasse algum crente e começasse a lhe falar do evangelho e das riquezas incomensuráveis de Cristo, aos poucos sua fisionomia ia se abrindo numa expressão de visível contentamento e ela terminava cantando hinos ou fazendo orações com o visitante. Em muitas dessas ocasiões, após um momento de transbordamento espiritual como o que acabamos de referir, ela ficava perfeitamente sã por muito tempo. Era o bálsamo do céu que caía, refrigerando e confortando aquela pobre alma atribulada.

Meu avô se arrependeu de maneira a enternecer o mais duro coração. Chamou meu tio e pediu-lhe perdão pelo que fizera. Infelizmente o arrependimento pode obter um perdão, mas não tem poder para apagar as marcas do crime e desfazer as suas conseqüências.

E assim, durante quinze longos anos, tia Maria sofreu e fez sofrer o marido, de maneira atroz. Mas não se esquecia, no auge das crises mais agudas, de que era crente em Jesus e balbuciava orações, pedindo o seu restabelecimento, para felicidade do esposo e dos filhos.

Mas os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. A enfermidade de minha tia foi usada pelo Altíssimo como instrumento poderoso na sua obra.

Eis o que se deu. Meu avô, desejoso de reparar, pelo menos em parte, o mal que tinha praticado, consentiu que seu filho Manuel fosse passar uns tempos com David para auxiliá-lo em suas tribulações. Impôs, naturalmente, uma condição: os dois irmãos não deviam conversar sobre religião. Meu pai transferiu-se então para a casa de David, disposto a fazer tudo para aliviar o sofrimento do irmão, mas disposto também a cumprir religiosamente as determinações do velho.

Vovô, com o coração mais abrandado, consentiu também que voltasse a antiga convivência da família para com o filho mais velho que tanto sofria por sua culpa. Nessa convivência, deveria ser respeitada também a mesma condição: nada de assuntos religiosos.

Com relação a meu pai, essas recomendações iam ao ponto de ele ser obrigado até a se retirar para bem longe quando houvesse algum culto ou prática religiosa em casa de David.

Minha avó, que possuía um coração boníssimo, ia sempre visitar tio David e lá passava horas e dias, zelando e cuidando da nora e dos netos. Mas essa convivência tinha alguma coisa de lúgubre, de forçado; devido às imposições do velho que, mesmo absurdas, eram respeitadas escrupulosamente. De ambos os lados, um longo, um enervante silêncio.

Assim, se estabeleceu certa harmonia, forçada pelas circunstâncias.

Depois que meu pai esteve por algum tempo em casa do irmão, o padre da localidade mais próxima, que exercia forte influência sobre o velho José Joaquim de Melo, começou a aconselhá-lo para retirar meu pai de lá, pois acabaria na certa sendo protestante também. Que tivesse cuidado que o Protestantismo era pior que a lepra, para se propagar numa família.

No dia em que meu pai deixou a casa do tio David, disse-lhe estas palavras: – Olhe, David, eu sinto muito pelo que aconteceu. Quero dizer-lhe que mesmo você sendo protestante, eu não farei como os outros da família. Estou pronto a servi-lo em qualquer ocasião em que precisar, porque, afinal de contas, você tem o direito de pensar como quiser e ninguém pode obrigá-lo a adotar essa ou aquela religião.

E meu pai se despediu. Foi o primeiro passo.